

Livrarias & leitores de Belém

Elias Ribeiro Pinto

Jornalista



O "famoso homem de letras" Jean-Paul Sartre chega a Belém e autografa 500 exemplares de *Furacão Sobre Cuba* na "Dom Quixote", de Haroldo Maranhão, a primeira livraria da cidade a dispor de ar-condicionado. Enquanto isso, na Martins, aos sábados, um grupo de jovens intelectuais reúne-se para animados bate-papos literários.

"A figura surpreende. É pequeno de estatura, estrábico e, constantemente, tem entre os dedos uma cigarrilha, demonstrando ser fumante inveterado." É assim que os repórteres Manoel Bulcão e Antônio Pantoja descrevem aos leitores do jornal da família Maranhão, em sua edição de 2 de outubro de 1960, a pessoa do filósofo e romancista francês Jean-Paul Sartre. Depois de percorrer o Brasil, com escalas em Salvador, Recife, Olinda, Brasília, São Paulo, Araraquara, Fortaleza e Rio de Janeiro, o escritor desembarcava em Belém disposto a conhecer a "realidade amazônica".

Sartre, em "palpitante e exclusiva entrevista à Folha do Norte", é apresentado como famoso homem de letras, "algo desajeitado, sem o lugar-comum do formalismo social". Segundo a dupla de repórteres, "é de uma simplicidade impossível de descrever. Colocou-nos inteiramente à vontade, dizendo-nos de sua satisfação em entrar em contato com jornalistas do Pará".

Por aquela época, Haroldo Maranhão, um contumaz consumidor de livros, resolvera passar para o outro lado do balcão, decidido a pôr em prática quixotesta idéia, a de abrir uma livraria, que veio a receber o nome, claro, de "Dom Quixote".

Haroldo sabia que o filósofo havia autografado em São Paulo, na Livraria Francesa, o livro *Furacão Sobre Cuba*, coletânea de reportagens de Sartre publicadas no *Jornal France-Soir*, traduzida e editada em tempo recorde – para aproveitar a passagem do

escritor pelo Brasil – pela Editora do Autor, de Fernando Sabino e Rubem Braga. A sessão de autógrafos paulistana reuniu em torno de mil e quinhentas pessoas.

O livreiro da Dom Quixote resolveu arriscar. Havia encomendado quinhentos exemplares de *Furacão Sobre Cuba*, que entupiam as estantes da pequena livraria. Era aproveitar a ocasião. Entre goles de cerveja, na Praça da República, Haroldo convidou Sartre, que estava acompanhado de Simone de Beauvoir, para realizar sessão de autógrafos na Dom Quixote. Convite aceito, o evento foi acertado para o dia seguinte, a partir das sete da noite.

A Dom Quixote ficava localizada na galeria do Palácio do Rádio, que desembocava na rua Ó de Almeida. Quem saía do cinema Palácio, passava obrigatoriamente na porta da loja. A galeria, naqueles anos, servia de esquadro do público cinéfilo. Um ou outro desgarrava da procissão e entrava na livraria para conferir as novidades.

No dia e hora marcados, pontualmente, o célebre casal chegou. A fila já alcançava a Ó de Almeida. Os quinhentos exemplares evaporaram-se. Fiéis leitores desencavaram outros livros da dupla, que trouxeram de casa para receber as preciosas assinaturas. Max Martins, por exemplo, aguardava na fila com uma edição espanhola de *O Diabo e o Bom Deus*, de Sartre, e um exemplar das *Memórias de uma Moça Bem Comportada*, de La Beauvoir.

O Bigodinho do Gama

"A mais importante livraria para a nossa geração foi a Dom Quixote. Tinha um apreciável acervo de títulos estrangeiros, e era muito aconchegante", lembra Benedito Nunes. O conforto ficava por conta do ar-condicionado que o proprietário mandara instalar na livraria, a primeira a oferecer tal privilégio a seus clientes, entre as casas congêneres. O calor dos trópicos derretendo moleiras, alguns aproveitavam para desfrutar da novidade refrigerada.

A Vitória, na Padre Eufúquio, foi, por sua vez, a primeira livraria que Benedito Nunes freqüentou. "Eu era muito novinho e não tinha dinheiro, mas dava para comprar os pequenos livros da coleção *Os Pensadores*, da Editora Vecchi, que trazia, entre outros, excertos de Schopenhauer e o *Breviário do Homem de Bem*, de Benjamim Franklin. Creio que foram os primeiros livros, em formato bolso, que apareceram no Brasil", recorda o professor.

Por sinal, para conquistar leitores, a Vitória jogava pelas janelas das residências os primeiros números dos folhetins que então distribuía. Caso o morador se interessasse em continuar recebendo os demais números, um representante da livraria encarregava-se de fazer as assinaturas.

Houve um período em que os débitos de Benedito Nunes dispararam: "na época pareciam muito grandes, tanto que demorei a saldá-los". Foi quando o livreiro e editor Jorge Zahar, do Rio de Janeiro, acertou convênio com a Livraria Martins. Pelo trato, Zahar enviaria, do Rio, somente as capas de diversas coleções de textos filosóficos, em espanhol, entre os quais os volumes publicados pela Editora Austral, da Argentina.

Capas expostas na Martins, o cliente encomendava o livro pretendido. Até hoje o professor Benedito conserva diversos títulos da Austral, com os quais começou a montar sua biblioteca de filosofia.

Em seu roteiro pelas livrarias, que ficavam concentradas, em sua maior parte, na João Alfredo, Benedito Nunes preferia passar ao largo da Pará Intelectual, de propriedade de um esotérico, e que por isso reunia muitos títulos do gênero. Falastrão, o dono da casa fazia o apostolado de sua especialidade, tentando converter os clientes à sua doutrina.

Folclórico também era ao vendedor que trabalhava na Martins, conhecido como Gama. Homossexual, ostentando bigode à Clark Gable, que trazia sempre bem aparado, ao mesmo tempo em que orientava os fregueses tentava convencê-los a dar uma passadinha em sua residência, situada na confluência das ruas que iam dar na praça Ferro de Engomar, entre Presidente Pernambuco e Padre Eufúquio, para encontros mais à vontade.

O professor Benedito Nunes também adquiriu novos livros para a sua biblioteca no improvisado ponto de vendas criado por Antônio Jinkings na sala da casa onde morava, na Mundurucus. Com os livros amontoados sobre o sofá e disputando espaço com os bibelôs, a vantagem era poder comprá-los a qualquer hora do dia, inclusive à noite.

Sempre aos sábados

Mas nem só de livrarias vivia o leitor daqueles tempos. Na década de 50, Laurindo Garcia tinha

clientela cativa entre os intelectuais belenenses. Desempenhava o papel de "ativo e simpático agenciador de livros nacionais e estrangeiros, principalmente destes últimos", conta Eidorfe Moreira no artigo "Pequena história de uma biblioteca particular". Diz o autor de *Amazônia: o Conceito e a Paisagem* que Garcia "atendia ele próprio a uma freguesia selecionada e limitada, para quem fazia pedidos às grandes editoras internacionais, como Macmillan Company, de New York, Fondo de Cultura Económica, do México, Presses Universitaires de France, de Paris, etc."

Foi por intermédio do atencioso Garcia que Benedito Nunes teve acesso ao catálogo da editora portenha Labor. Por intermédio dele, Eidorfe Moreira comprou a maior parte das obras estrangeiras de sua biblioteca, incluindo os clássicos das literaturas russa e alemã, livros de Cassirer, Croce e Sartre, entre outros, com destaque para *A Study of History*, de Toynbee, em edição completa, no original inglês, e *O Capital*, de Marx, "que ele me conseguiu também em edição completa, e, tradução castelhana", anota Eidorfe em seu artigo.

De volta à livrarias, vale frisar que a Dom Quixote não inovou apenas no uso do ar-condicionado. Foi a primeira a sediar sessões de autógrafos em Belém. O primeiro a deitar assinatura na Dom Quixote, em obra de sua autoria, foi o poeta Max Martins, que ali lançou *O Anti-retrato*, em 1960, antes de Sartre.

O lançamento foi incorporado aos *happenings* promovidos pelo "parvenismo", vertente poética do movimento homônimo criado no Rio de Janeiro, aqui adotado pelo jornalista Elliston Altman, diretor do suplemento literário editado pela *Folha do Norte*. Na foto que registra a tarde de autógrafos, Max Martins aparece, de cachimbo e gravata borboleta, junto aos "parvenistas" paraoaras, incluindo um poeta do Rio de Janeiro, de boina, de quem Max não recorda o nome.

Aos sábados, rezava a tradição intelectual dos anos 60, era obrigatório o comparecimento às sessões matinais do Cinema de Arte, no Olímpia. Depois, o grupo seguia para a livraria Martins, na Campos Sales. Do grupo faziam parte Jaime Bevilacqua, Rosenildo Franco, Ronaldo Franco, José Otávio Pinto, Carlos Queiroz, Levy Hall de Moura, Lúcio Flávio Pinto, Vitória do Carmo, Sérgio Buarque, Vicente Cecim e João de Jesus Paes Loureiro.

Em seguida, a turma atravessava a rua e prolongava o papo na redação de *A Província do Pará*, onde alguns trabalhavam. Hoje, os longos corredores da livraria Martins cederam lugar à venda de artigos esportivos, os livros substituídos por chuteiras e bolas de futebol. E os encontros em livrarias para o bate-papo cultural há muito pertencem à história.

[Publicado originalmente no CADERNO D, do Diário do Pará em 03.10.99]